**CORPO ESTRANHO ESOFÁGICO EM CÃO - RELATO DE CASO**

TEIXEIRA, Sarah Cristina da Silva*1*; SANTANA, Hayslla Guerra*1*; SILVA, Thais de Cássia Pinto*1*; TURQUETE, Paula Baeta da Silva Rios*2*.

*1Graduando (a) em Medicina Veterinária, Unipac – Conselheiro Lafaiete, MG, 2Professora do curso de Medicina Veterinária, Unipac – Conselheiro Lafaiete, MG.\*teixeira.c.sarah@gmail.com*

Corpos estranhos esofágicos são achados clínicos relativamente comuns em cães, podendo causar obstruções parciais ou completas, resultando em sinais como disfagia, regurgitação e prostração. O diagnóstico e tratamento indicados envolvem a realização de radiografias, endoscopia para a retirada do objeto e, se necessário, intervenção cirúrgica. Objetivou-se com esse relato de caso descrever a abordagem clínica de uma cadela que apresentou complicações no trato gastrointestinal devido a um corpo estranho esofágico. Uma cadela sem raça definida, castrada, com 8 anos de idade e pesando 15 kg, foi conduzida à clínica veterinária “Mundo Animal” por sua tutora, apresentando quadro de tosse e prostração após a ingestão de osso de peito de frango dois dias antes da consulta. Diante do quadro clínico, foi sugerida a realização de exame radiográfico, realizado nas projeções laterolateral direita, laterolateral esquerda e ventrodorsal, evidenciando a presença de corpo estranho na região esofágica. Como medida inicial, a médica veterinária responsável prescreveu tratamento medicamentoso com Prednisolona 0,5 mg/kg (¾ de comprimido, VO, *s.i.d.*, por 7 dias) e dipirona monoidratada 25mg/kg (¾ de comprimido ou 16 gotas, VO, *b.i.d.*, por 3 dias). Além disso, foi recomendada a realização de exames complementares, como hemograma e endoscopia, porém a tutora optou por não realizá-los prontamente e a levou para casa, na expectativa de que esta vomitasse o corpo estranho. Após sete dias, a cadela retornou à clínica com sinais persistentes de tosse e hiporexia. Uma nova radiografia confirmou que o corpo estranho permanecia na mesma localização. Diante da ineficácia do tratamento paliativo, foi marcada uma endoscopia. Além disso, foi mantida a mesma medicação até o próximo retorno. Três dias depois, a cadela foi submetida a um hemograma, utilizado como exame pré-anestésico e posteriormente, feita a anestesia para a realização do procedimento endoscópico. No momento do exame, o médico veterinário constatou que não havia mais corpo estranho na região esofágica, sugerindo que o osso havia sido regurgitado espontaneamente. No entanto, o laudo endoscópico revelou alterações macroscópicas compatíveis com esofagite ulcerativa e gastrite enantematosa. Com base nos achados, foi instituído um novo protocolo terapêutico composto por Sucralfato 0,5 - 1 g (5ml, VO, t.i.d., por 15 dias), Dipirona 1 gota/kg (1 comprimido, VO, b.i.d., por 7 dias), Cloridrato de Tramadol 2mg/kg (1 comprimido, VO, b.i.d., por 7 dias), Prednisolona 0,5-2mg/kg (1 + ½ comprimido, VO, s.i.d., por 4 dias) e Cefadroxilia (1 + ½ comprimido, VO, s.i.d., por 7 dias). Além do tratamento medicamentoso, foi recomendada dieta pastosa composta por patês, sachês ou ração batida com água morna durante sete dias e retorno para reavaliação entre sete a dez dias. Contudo, a tutora optou por não comparecer com a cadela para o retorno.

**Palavras-chave:** esofagite ulcerativa, endoscopia, obstrução esofágica